

África do Sul 1991

Em meados de 1991, Elizabeth recebeu a tarefa de organizar uma viagem para a África do Sul. A delegação partiria no mês de julho. Naquele momento, ela não poderia imaginar como aquela viagem marcaria para sempre o destino de tantas pessoas. Afinal, aquela não era uma missão de rotina.

Há vinte e um anos, a África do Sul tinha sido expulsa das olimpíadas devido à sua política de segregação racial. Agora, num reconhecimento à revogação de leis do Apartheid, o país voltava ao cenário desportivo internacional.

Logo de início, Elizabeth surpreendeu-se com a repercussão da iniciativa nos meios de comunicação. O entendimento de que o país cumprira as condições estabelecidas pelo COI para sua readmissão era controverso.

Alguns argumentavam que era cedo para considerar que a segregação racial tinha acabado. Apesar da criação da estrutura esportiva multirracial unificada, os africanos negros não podiam votar em seu país.

Porém, perante o COI o país já tinha regularizado suas relações esportivas com os demais países africanos. No final das contas, a revogação daquelas leis significava que o país estava deixando para trás o motivo pelo qual havia sido banido. Desse ponto de vista, Elizabeth concordava com a decisão.

Precipitada ou não, a medida encheu de esperança os atletas sul-africanos por lhes abrir as portas para os Jogos Olímpicos de Barcelona do ano seguinte. A última medalha olímpica do país era um distante bronze em 1960. Medalha essa conquistada por um branco, pois jogadores negros não eram convocados pelas delegações sul-africanas desde 1904. Agora, eles estavam entusiasmados com a oportunidade de virar esse jogo.

A visita aconteceu num cenário político delicado. Ninguém dizia, mas todos sabiam que a questão crucial não era o acesso a competições e medalhas. Era o direito de igualdade ao alcance de todos que estava em questão. Se na Grécia antiga as olimpíadas exerciam o poder de findar guerras, por que não poderia acontecer um avanço social na África do Sul por meio da integração pelo esporte?

Após a cerimônia oficial entre governo e COI, a comitiva deu seguimento a mais uma empreitada delicada: uma visita à *Vilazaki Street*, no município de Soweto.

Enquanto por todos os lados havia restrições aos negros, naquele território os brancos não eram bem-vindos. Apesar das circunstâncias complicadas, o COI sabia o que estava fazendo. Lá moraram dois ganhadores do prêmio Nobel da Paz: Nelson Mandela antes de ser preso e o arcebispo Desmond Tutu. Se eles quisessem avançar, era por ali que deveriam passar.

O silêncio tomou conta da delegação assim que avistaram as casas. Dispostos em ruas não pavimentadas que pareciam não ter fim, barracos, pequenas construções de tijolos e alojamentos de zinco alternavam-se ao longo do horizonte.

Soweto não era apenas mais uma favela. O colorido árido e triste daquelas construções abrigava quase três milhões de habitantes. Era como se parte do país tivesse sido espremido, condensado para que coubesse ao longo daquelas ruas. Em sua maioria descendente dos nativos colonizados pelos holandeses e de escravos importados de Moçambique, Madagascar e Índia, eles se agarravam ao que tinha restado de suas origens e as exibiam nos dialetos falados nas ruas.

As chagas abertas por décadas de conflitos violentos estavam lá: escorrendo em esgotos a céu aberto, sustentados pelos monumentos da *Vilazaki Street*. Não há como passar imune por um lugar como Soweto.

Sob o sol escaldante do início da tarde, Soweto os recebeu de braços abertos.

Muitos saíam de suas casas para olhar de perto os



visitantes ilustres. Líderes comunitários encarregaram-se de espalhar o assunto que os tinha levado a seu país. Foi o bastante para que sorrisos se abrissem, mãos se estendessem, e crianças, muitas crianças, pulassem de alegria ao receberem algumas bolas com que o comitê as presenteou.

Sorridente, Elizabeth foi abraçada por crianças e mulheres, e saudada por homens que falavam idiomas que ela não entendia. Em meio à alegria contagiante abraçou os pequenos, beijou bebês que lhe eram colocados nos braços, acariciou cabecinhas que se chegavam a ela com faíscas nos olhos e nada nos pés.

Ao abaixar-se para colocar uma menininha no chão, sentiu uma vertigem. Uma forte onda de calor subiu por seu corpo e quando chegou à sua cabeça tudo ficou vermelho. E então ela não viu mais nada.

Quando voltou a si, estava sentada numa casa de chão batido, seus pulsos e lábios estavam molhados, uma senhora lhe oferecia um copo de água. Atordoada, ela aceitou a oferta e bebeu a água morna, levemente turva sem prestar muita atenção ao que estava fazendo. Após alguns poucos goles, agradeceu a acolhida levantando-se com cuidado.

Percebeu novamente o efeito da temperatura sobre seu corpo. O mesmo calor que sentira ao abraçar aquelas crianças magras, apertar as mãos suadas e fortes que a receberam.

Alguns dias após a visita, Elizabeth descreveu o local para Mário como “uma imensa favela em que a tradição, os

doze idiomas oficiais e a alma do negro sul-africano estão impregnados no ar. Naquele lugar, não há como ignorar a história de precariedade em que quase três milhões de pessoas vivem em pleno século XX.” Após um profundo suspiro, concluiu: “Só se parássemos de respirar.” Nesse momento, uma lágrima escorreu em seu rosto fechando o relato.

Mário não comentou o assunto, nem fez perguntas. Era visível como a viagem havia afetado sua esposa. Desde seu retorno, ela se mostrava pensativa e meio sonolenta. Então, começaram os enjoos. As suspeitas se confirmaram em uma visita ao ginecologista: um bebê estava a caminho.

